

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

O livro de Jonas

CASTIGO BELITO EMÍLIO

ARTUR Izaque Alberto

Mulaque Emanuel Edmundo

Jeri Patrick Elias

Abudo Philipe Tiandroguo

Literatura Sapiencial

Prof. Pe. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2026

Introdução

Neste trabalho, vamos tratar sobre o **Livro de Jonas**. É sempre válido perguntar sobre este livro: será que o que foi escrito constitui uma verdade histórica ou se trata de uma novela, um conto ou um mito? O Livro de Jonas é uma novela, ou seja, não descreve um acontecimento real. A partir disso, cabe-nos refletir sobre o que o autor deseja transmitir por meio dessa narrativa.

O autor apresenta a figura de Jonas, que recebeu a missão de pregar em uma cidade chamada Nínive. No entanto, por razões ligadas ao seu grupo — nacionalista e exclusivista — Jonas decidiu fugir. Sua fuga, porém, não teve sucesso, pois Deus fez de tudo para que ele cumprisse a missão.

Por trás dessa história, o livro nos revela uma imagem de Deus. Ele age de forma universal e, a partir disso, somos convidados a refletir sobre a imagem de Deus que carregamos: será exclusivista ou universalista? Outra mensagem presente é a crítica às pessoas que se apropriam de Deus e o moldam conforme seus próprios interesses. O livro mostra que Deus não é posse de ninguém. Sua misericórdia é destinada a todos, e não apenas a alguns.

A FIGURA DE JONAS

Jonas, no livro de 2 Rs 14,24, refere-se a um profeta que tem o mesmo nome, e seu pai é Amitai, que no hebraico significa veracidade, honradez, fidelidade. Viveu e profetizou durante o reinado de Jeroboão II, no século VIII a.C. O profeta mencionado no livro de Jonas tem o mesmo nome e o pai também é Amitai. Entretanto, excetuando o nome, o próprio livro não mostra qualquer relação entre os dois¹. A citação do profeta Jonas no tempo do rei Jeroboão pode ter sido um recurso para dar autoridade a este escrito fantástico e bem-humorado, que denuncia a própria profecia.

O nome Jonas significa “pomba, filha da verdade”. Mas a história mostra-nos o contrário: Jonas não voa, mas desce (1,3.5). É um profeta infiel, que toma caminho oposto ao ordenado por Javé. Jonas é um dorminhoco do porão, enquanto os marinheiros trabalham para sobreviver à tempestade (1,5). Ele era separatista, pois defendia o não casamento com mulheres estrangeiras (Esd 9,1-10; 10,44)².

Jonas foi um homem de oração (Jn 2,3-10), mesmo nos momentos de dificuldade. Foi um homem que reconheceu sua falha, se confessou e se converteu. Também foi egoísta, porque sabia que o amor de Deus é gratuito e incondicional (Lc 15,11-32), e zangado, porque Deus perdoou os ninivitas de seus pecados (Jn 4,1-3).

A história de Jonas não tem final. Ela termina com uma pergunta, deixando ao leitor ou à leitora a incumbência de respondê-la. Será que finalmente Jonas entendeu a lição de Javé? E nós, será que não somos também um pouco parecidos com Jonas? Qual é a imagem de Deus que temos dentro de nós? Será que nós também não estamos adorando um Deus castigador, que se impõe pelo medo, que nos vinga diante de nossos inimigos? Estas e outras perguntas podem nos ajudar na reflexão para que, dessa

¹ BÍBLIA SAGRADA AFRICANA, edd. O. Cougil-M. afr, H. Alves ofmcap et A. Jorge-P Ferreira, Pailinas, Maputo 2023, 1619.

² M.A. MARQUES ET S. NAKANOSE, SVD, levante-te e vai à grande cidade: Entendendo o livro de Jonas, Paulus, São Paulo 2010, 13.

maneira, possamos atingir o objetivo que o autor da história quer alcançar, já que esse livro tem um sentido altamente didático³.

O PROCESSO REDACIONAL DO LIVRO DE JONAS

O Livro de Jonas apresenta divergências quanto à sua autoria. Tradição conservadora: atribui o texto ao próprio profeta Jonas, que viveu no século VIII a.C., durante o reinado de Jeroboão II. Essa visão se apoia em referências bíblicas como 2 Reis 14:25. Olhando com ponto crítico moderno, considera-se que o autor foi provavelmente um sábio de Israel, não ligado ao círculo sacerdotal, mas conhecedor das tradições judaicas e estrangeiras. Esse autor teria escrito séculos depois, utilizando Jonas como personagem literário para transmitir uma mensagem teológica.

A origem do livro também é discutida, pois no Século VIII a.C. (tradição), Jonas seria testemunha ocular dos acontecimentos, em contexto político marcado pela Assíria. Séculos V–IV a.C. (período persa, pós-exílio) em que indícios linguísticos e culturais apontam para uma composição tardia. O uso de palavras aramaicas, costumes persas (como incluir animais em rituais de penitência) e a ausência de foco no templo reforçam essa hipótese. No Século VII a.C. (após queda de Nínive), alguns estudiosos sugerem que a referência à cidade como “grande” só faria sentido após sua ascensão e queda em 612 a.C.

Indícios linguísticos e culturais

Vocabulário aramaico na qual tornou-se língua franca no período persa, indica que o texto pertence a esse contexto. Universalismo teológico em que Javé demonstra ou tem compaixão até com os estrangeiros e inimigos, em contraste com o exclusivismo de Esdras e Neemias. Em paralelos com Jeremias e Joel, o livro de Jonas dialoga com outras tradições proféticas que foram relidas e atualizadas no exílio e pós-exílio. Costumes persas mostra que o livro menciona práticas típicas da cultura persa, como penitência envolvendo animais. Ausência de influência helenística na qual no livro não

³ LOPES MERCEDES, o livro de Jonas: uma história de desencontro entre um profeta zangado e um Deus brincalhão, Paulus, São Paulo 2014, 6.

há marcas da cultura grega, reforça que o texto é anterior ao domínio de Alexandre Magno (333 a.C.).

Observando nas interpretações teológicas, O livro é uma obra literária tardia, pedagógica, voltada para ensinar sobre misericórdia divina e inclusão dos estrangeiros. Jonas pode ter existido no século VIII, mas o livro provavelmente foi redigido séculos depois, usando sua figura como recurso literário. A maioria dos estudiosos atuais considera que o Livro de Jonas foi escrito no final do período persa (séculos V–IV a.C.). Trata-se de uma obra teológica e pedagógica, mais preocupada em transmitir uma mensagem universal de compaixão e inclusão do que em relatar fatos históricos.

ESTRUTURA DO LIVRO DE JONAS

Primeira cena – capítulos 1 e 2: no mar

A – (Jon1,1-3), Javé envia Jonas para pregar em Nínive, mas ele foge. (Jon 1,1-3), a fuga de Jonas simboliza a resistência de Israel em aceitar que Deus também ama os estrangeiros. A Nova Bíblia Pastoral destaca que Jonas não foge por medo, mas por não querer que Nínive receba misericórdia.

B – (Jon 1,4-16); A tempestade no mar: Javé, Jonas, o capitão, os marinheiros. Eu semeei vento e colhi tempestade” (Os 8:7) סוּפָה. (Jon 1,4-16), A tempestade é vista como ação pedagógica de Deus. Os marinheiros, estrangeiros, reconhecem Javé e se convertem, contrastando com a resistência do profeta. Isso reforça a mensagem universal: Deus acolhe quem o invoca, independentemente da origem. Exemplo: “Eu semeei vento e colhi tempestade” (Os 8,7) mostra que a desobediência gera caos, mas também abre espaço para conversão. (se’ará) significando tempestade, turbilhão, grande agitação. Usada tanto para fenômenos naturais quanto para metáforas de turbulência emocional ou social. “O Senhor respondeu a Jó do meio da tempestade” (Jó 38:1) מִן־הַסְּעָרָה.

C – 2,1-11: A oração de Jonas e a resposta de Javé pela palavra e pela natureza. Jonas 2,1-11: A oração de Jonas é interpretada como um salmo de confiança. A Bíblia

Pastoral sublinha que Jonas, mesmo no ventre do peixe, reconhece que a salvação vem de Javé. Por isso fala dizendo: “Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu” (Jon 2,3).

Argumentos centrais da Nova Bíblia Pastoral se focam na universalidade da misericórdia na qual Deus não é exclusivamente de Israel; mas até os marinheiros e os ninivitas podem experimentar sua graça. Ela Crítica ao nacionalismo religioso e Jonas representa grupos que rejeitam a inclusão dos estrangeiros. Pedagogia divina é que a tempestade e o peixe não são punições, mas instrumentos de ensino e recondução. A oração como transformação em que Jonas aprende que não pode controlar Deus; sua missão é obedecer e testemunhar apenas.

Segunda cena – capítulos 3 e 4: em terra

A – 3,1-4: Novamente Jonas (יֹנָתָן ou Yonah que significa “Pomba” que é um animal associado à paz, pureza e ao Espírito, é enviado para Nínive (נִינְוָה / Nīnəwēh ou Ninveh) e lá prega a destruição. Jonas (יֹנָתָן / Yonah, “pomba”) recebe pela segunda vez a ordem de ir a Nínive (נִינְוָה / Nīnəwēh). Ele anuncia: “Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída” (3,4). Nova Bíblia Pastoral: destaca que a mensagem é breve e dura, mas suficiente para provocar conversão. O foco não está na eloquência do profeta, mas na força da Palavra de Deus.

B – 3,5-10: A ação dos ninivitas – homens, mulheres, reis e animais – e o perdão de Deus. Todo o povo, incluindo o rei e até os animais, faz jejum e penitência. Deus vê a mudança de comportamento e suspende a destruição. Nova Bíblia Pastoral: interpreta como uma crítica ao exclusivismo judaico. Os estrangeiros, considerados inimigos, são capazes de ouvir e se converter, enquanto Jonas resiste. Versículo-chave: “Viram Deus as suas obras, como se converteram de seu mau caminho; e Deus se arrependeu do mal que tinha dito que lhes faria” (3,10). A misericórdia divina não é limitada por fronteiras étnicas ou religiosas.

C – 4,1-11: A oração de Jonas e o questionamento de Javé a Jonas. Jonas se irrita porque Deus perdoou Nínive. Ele ora reclamando: “Eu sabia que és Deus misericordioso e compassivo, lento para a ira e cheio de amor” (4,2). Javé usa a planta que nasce e morre para mostrar que Jonas se preocupa mais com seu conforto do que com a vida de milhares de pessoas. Nova Bíblia Pastoral: vê aqui a ironia do autor. Jonas representa o nacionalismo religioso que não aceita a misericórdia para os estrangeiros. Versículo-chave: “E não hei de ter compaixão da grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem distinguir a mão direita da esquerda, e muitos animais?” (4,11). Deus é Senhor da vida e da criação inteira, e sua compaixão alcança até os inimigos de Israel.

Eles adoram e reconhecem o poder de Javé (1,16). Os ninivitas fazem jejum e penitência, invocam a Deus e se convertem de seu caminho perverso e da violência (3,7-8). As ações do ser humano podem impedir a desgraça. O verbo determinar aparece uma única vez na primeira cena (2,1), mas, na segunda cena, aparece três vezes, tendo Javé como sujeito e a natureza como objeto (4,6.7.8). A natureza é usada para o relacionamento com Jonas.

O CONTEXTO HISTÓRICO DO LIVRO DE JONAS

O livro de Jonas é uma narrativa bíblica que apresenta a missão de um profeta enviado por Deus à cidade de Nínive. Embora a história trate da relação entre Jonas, Deus e os habitantes de Nínive, para compreender melhor o livro é necessário conhecer o contexto histórico em que ele foi produzido.

É importante distinguir o Jonas apresentado no livro daquele profeta mencionado em 2 Reis 14,25. O profeta citado no livro de Reis teria vivido em um período anterior, durante o reinado de Jeroboão II, no século VIII a.C. O livro de Jonas, porém, é geralmente compreendido como uma obra posterior, provavelmente escrita no período pós-exílico, possivelmente entre os séculos V e IV a.C. Esse período foi marcado pela reconstrução da comunidade judaica depois do exílio da Babilônia. Os judeus

precisavam reorganizar sua vida religiosa, social e política, reconstruir Jerusalém e o Templo e, principalmente, preservar sua identidade como povo.

O período persa e o retorno do exílio

O contexto histórico do livro de Jonas está relacionado ao domínio do Império Persa sobre a região de Judá. Em 539 a.C., Ciro, rei da Pérsia, conquistou a Babilônia. A partir desse momento, os judeus que estavam no exílio passaram a ter melhores condições para retornar à sua terra. O retorno não aconteceu de uma única vez. Diferentes grupos voltaram para Judá em períodos distintos e encontraram na região pessoas que haviam permanecido na terra durante o exílio, além de outros povos. Essa convivência gerou conflitos relacionados à identidade, à religião e à organização da comunidade.

Embora o Império Persa permitisse que muitos povos mantivessem suas tradições religiosas, Judá continuava politicamente subordinada ao império e precisava pagar tributos. Portanto, os judeus reconstruíam sua comunidade dentro de uma estrutura política estrangeira. A reconstrução de Jerusalém e da vida religiosa tornou-se uma das principais preocupações desse período. O Templo voltou a ocupar uma posição central, e a Lei passou a ter grande importância na organização da comunidade.

A reconstrução da identidade judaica

Depois do exílio, preservar a identidade religiosa tornou-se uma questão fundamental para os judeus. Durante o período de dominação estrangeira, o povo havia perdido a independência política e enfrentado a destruição de Jerusalém e do primeiro Templo. Por isso, a religião, a Lei e as tradições passaram a ser elementos essenciais para manter a identidade do povo. Nesse processo, destacam-se as figuras de Esdras e Neemias. Neemias esteve envolvido na reconstrução das muralhas de Jerusalém por volta de 445 a.C., enquanto Esdras teve importante participação na valorização da Lei e na organização religiosa da comunidade.

Ao mesmo tempo em que essas medidas ajudaram a fortalecer a identidade judaica, também aumentaram a preocupação com a separação entre os judeus e os povos estrangeiros. Os livros de Esdras e Neemias mostram conflitos relacionados à presença de estrangeiros e aos casamentos entre judeus e pessoas de outros povos. Assim, surgiu uma tensão dentro da comunidade: era necessário preservar a identidade de Israel, mas essa preocupação poderia levar à exclusão daqueles que não pertenciam ao grupo.

A relação com os estrangeiros

É nesse contexto que o livro de Jonas ganha importância histórica. A narrativa apresenta uma crítica a uma visão muito fechada da identidade de Israel. O problema não estava em preservar a identidade do povo, mas em transformar essa identidade em motivo de superioridade e rejeição dos outros povos. Jonas é enviado justamente para Nínive, uma cidade associada aos inimigos de Israel. Nínive estava relacionada ao Império Assírio, responsável pela conquista do Reino de Israel do Norte. Em 722 a.C., os assírios conquistaram Samaria, capital de Israel, deixando uma forte memória de violência e dominação.

Nínive foi destruída em 612 a.C., muito antes da provável época de composição do livro. Por isso, no livro de Jonas, ela funciona também como símbolo do inimigo e do estrangeiro. O autor utiliza essa cidade para representar aqueles que eram vistos como diferentes e que poderiam ser considerados indignos da misericórdia de Deus. O fato de Deus enviar Jonas a Nínive é, portanto, significativo. A narrativa coloca um profeta israelita diante de um povo estrangeiro e inimigo, questionando a ideia de que a ação de Deus estaria limitada apenas a Israel.

O significado histórico da narrativa

O livro de Jonas apresenta vários elementos que ajudam a compreender esse contexto. Os marinheiros são estrangeiros, mas demonstram preocupação com a vida de Jonas e reconhecem a ação de Deus. Os habitantes de Nínive também respondem à

mensagem do profeta e abandonam seus caminhos violentos. Esses elementos criam uma situação diferente da esperada: pessoas de fora de Israel são apresentadas de maneira positiva. Dessa forma, o livro questiona uma visão segundo a qual somente o povo israelita poderia ser considerado próximo de Deus.

A mensagem está relacionada às discussões existentes no período pós-exílio sobre identidade, pureza, separação e convivência com outros povos. O livro mostra que Deus não está limitado às fronteiras de Israel e que sua ação pode alcançar também os estrangeiros. Além disso, a narrativa apresenta uma visão de Deus como misericordioso. Quando os habitantes de Nínive mudam seu comportamento, Deus decide não destruir a cidade. Essa atitude entra em conflito com a expectativa de Jonas, que representa uma mentalidade mais fechada em relação aos inimigos.

A mensagem do livro de Jonas

O livro de Jonas situa-se no contexto histórico posterior ao exílio babilônico, especialmente no período de Neemias e Esdras, entre os séculos V e IV a.C., aproximadamente entre 450 e 350 a.C. Nesse período, entre os principais interesses de determinados grupos judaicos estavam a reconstrução de Jerusalém, a restauração da Lei e das práticas rituais, a preservação da identidade religiosa e a eliminação das influências estrangeiras. Nesse contexto, chegaram-se inclusive à proibição dos casamentos mistos.

O autor do livro de Jonas, porém, segue uma direção bastante diferente. Em vez de reforçar uma visão nacionalista e exclusivista, apresenta, de maneira irônica, o comportamento de um judeu que não consegue aceitar que Deus manifeste misericórdia para com os estrangeiros. Jonas representa, assim, a resistência daqueles grupos que não aceitavam que Javé pudesse ser misericordioso com os povos estrangeiros e, muito menos, com os assírios, considerados inimigos de Israel.⁴

⁴ M. Antônio- S. Nakanose, *Levanta-te e vai à grande cidade: Entendendo o livro de Jonas*, Paulus, São Paulo, 2010, p. 19.

A narrativa mostra que os ninivitas são chamados à mudança de vida. Diante da pregação de Jonas, o rei determina que cada pessoa invoque a Deus com vigor, abandone seu mau caminho e deixe a violência que está em suas mãos: “Converta-se cada qual de seu caminho perverso e da violência que está em suas mãos” (Jn 3,8).

Nínive era apresentada como uma grande cidade assíria e, na tradição bíblica, estava associada à violência e à opressão. O texto utiliza o termo hebraico *ḥāmās* (חַמָּס), que expressa a ideia de violência, injustiça e opressão. Desse modo, a conversão dos ninivitas não é apresentada simplesmente como uma adesão formal à religião de Israel, mas como uma transformação concreta de comportamento: abandonar a violência, a injustiça e os caminhos que produzem sofrimento.

É significativo que o texto não descreva explicitamente uma conversão dos ninivitas ao Deus de Israel nos moldes de uma adesão religiosa formal. O que aparece em primeiro plano é a mudança de vida. Os ninivitas abandonam a violência e reconhecem a necessidade de transformar sua conduta. Dessa maneira, o livro apresenta uma mensagem profundamente universal: a misericórdia de Deus alcança todas as pessoas, inclusive aqueles que são considerados inimigos do povo de Israel.

Essa mensagem encontra eco nas palavras de Jesus: “Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e rezai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44). O ensinamento de Jonas, portanto, ultrapassa as fronteiras do seu próprio contexto histórico. O livro questiona toda forma de nacionalismo religioso, exclusivismo e preconceito que pretenda limitar a ação misericordiosa de Deus.

Nesse sentido, os grupos nacionalistas e exclusivistas de Israel são também chamados à conversão. Jonas representa aquele que acredita que Deus deve agir somente em favor do seu próprio povo e contra aqueles que considera inimigos. O autor, entretanto, conduz a narrativa para outra direção: a ação, o perdão e a misericórdia de Deus não possuem fronteiras étnicas, nacionais ou religiosas.

O livro de Jonas convida, portanto, os seus leitores a reverem a própria compreensão de Deus, sobretudo aqueles que se consideram os únicos destinatários da bênção divina. O autor apresenta a imagem de um Deus compassivo, paciente e misericordioso, capaz de perdoar aqueles que abandonam seus caminhos de injustiça. O Deus de Jonas não

é propriedade de um povo; sua misericórdia ultrapassa as fronteiras construídas pelos seres humanos.

Por isso, o livro está repleto de perguntas que permanecem provocadoras até os nossos dias. “Como podes dormir?” (Jn 1,6). “Que fizeste?” (Jn 1,10). “Que te faremos para que o mar se acalme em torno de nós?” (Jn 1,11). E, sobretudo, no capítulo 4, encontramos a pergunta de Javé a Jonas: “É justo que te irrites?” (Jn 4,4). Mais adiante, Deus coloca diante dele a questão fundamental: “E eu não terei pena de Nínive?” (Jn 4,11).⁵

São perguntas antigas, mas continuam profundamente atuais. Elas interrogam não apenas Jonas, mas também cada leitor. Quantas vezes desejamos a misericórdia de Deus para nós, mas temos dificuldade de aceitá-la quando ela alcança aqueles que consideramos indignos? Quantas vezes construímos fronteiras religiosas, culturais, sociais ou ideológicas para determinar quem merece o amor e o perdão de Deus?

O livro de Jonas é, portanto, um convite para identificarmos os nossos preconceitos, confrontá-los e superá-los. É também um chamado para ampliarmos nossa compreensão acerca de Deus e reconhecermos sua presença e sua ação em cada pessoa que pratica a justiça, independentemente de sua origem ou confissão religiosa.

A grande mensagem de Jonas permanece atual: Deus não é posse de ninguém. Ele é amor, compaixão e misericórdia. Sua ação não pode ser aprisionada pelas fronteiras humanas. O Deus de Jonas é aquele que deseja a conversão, a vida e a salvação de todos, inclusive daqueles que nós, muitas vezes, preferiríamos ver condenados.

⁵ *Nova Bíblia Pastoral*, edd. P. Bazaglia-A.C. Frizzo-D. Scardelai et al., Paulinas, São Paulo 2014.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos a nossa pesquisa do livro de Jonas, percebemos que o autor usa uma ironia para criticar o sistema teocrático institucional implementado por Neemias e Esdras, que faziam de Javé uma posse de judeus nacionalistas e exclusivistas, não admitindo assim a misericórdia e a compaixão de Deus para as nações. Entretanto, o grupo da literatura sapiencial vai em outra direção, contrariando a política e a teologia do templo. Trata-se de uma obra teológica e pedagógica, mais preocupada em transmitir uma mensagem universal de compaixão e inclusão do que em relatar fatos históricos. A ação de Deus não pode ser aprisionada pelas fronteiras humanas. A narrativa apresenta uma crítica a uma visão muito fechada da identidade de Israel.

Referências Bibliográficas

Nova Bíblia Pastoral, edd. P. Bazaglia-A.C Frizzo-D. Scardelai et al., Paulinas, São Paulo 2014.

Maria Antônia- Shige Nakanose, *Levanta-te e vai à grande cidade: Entendendo o livro de Jonas*, Paulus, São Paulo, 2010.

BÍBLIA SAGRADA AFRICANA, edd. O. Cougil-M. afr, H. Alves ofmcap et A. Jorge-P Fereira, Paulinas, Maputo 2023, 1619.

MARIA ANTONIA MARQUES ET SHIGE NAKANOSE, SVD, *levante-te e vai à grande cidade: Entendendo o livro de Jonas*, Paulus, São Paulo 2010

LOPES MERCEDES, *o livro de Jonas: uma história de desencontro entre um profeta zangado e um Deus brincalhão*, Paulus, São Paulo 2014.